

## *Ensino de História entre inquietações, (re)existências e reinvenções utópicas*

### *History Teaching between Concerns, (Re)Existence and Utopian Reinventions*

“Ensino de História: tempos de crise, resistências e utopias” foi a temática proposta para nomear o dossiê que apresentamos nesta nova edição da *Revista História Hoje*. Essa escolha foi realizada em conjunto com o novo conselho editorial da revista, no mês de julho de 2021, quando vivíamos um momento crítico da pandemia da Covid-19, ainda que amenizado pela esperança na vacinação que à época alcançava menos de 20% da população do nosso país. Naquele contexto, assombrados pelo crescente número de mortos e também por todos os nefastos efeitos sociais, políticos e econômicos da pandemia sobre nossa população, que ainda não parecem ter fim, também convivíamos (e ainda convivemos) com as incertezas no campo educacional, por um cenário de crises no âmbito das políticas públicas que, pelo menos desde o ano de 2013, agravadas pelo golpe de 2016, vêm resultando em retrocessos históricos de perdas de direitos, desinvestimento em políticas de reparação de grupos minoritários, ataque a valores democráticos e direitos humanos, além do próprio desinvestimento financeiro no campo da cultura e das artes, assim como nas universidades públicas e na drástica diminuição de recursos para as pesquisas científicas, resultando em um grave empobrecimento para o campo das ideias, especialmente aquelas fundamentadas no âmbito da ciência.

No Ensino de História, essas questões já vêm sendo enfrentadas pelo campo, especialmente no que se refere a denúncias contra movimentos conservadores que promovem ataques à liberdade de cátedra dos docentes, ao processo de apagamento de temas como racismo, as relações de gênero e da diversidade sexual e étnico-racial, seja no âmbito da BNCC, seja no contexto de construção de currículos estaduais e municipais, resultando em uma “asepsia” conceitual que tem levado ao enfraquecimento de temáticas sociais e políticas nesses arranjos curriculares. A retirada da disciplina História, como componente curricular obrigatório do currículo do Ensino Médio, também pode ser lida como

parte desse contexto de crise em que concepções formativas humanistas perdem força frente a propostas prescritivas e subordinadas aos interesses de mercado. Compreendendo que vivemos um momento de profundas crises que nos atravessam como indivíduos e como sociedade, provocamos nossa comunidade científica a refletir sobre essa temática em diferentes perspectivas e contextos, estimulando nossos pares a mobilizar experiências, resultados de pesquisa e ensaios reflexivos que possam nos ajudar a construir diagnósticos, balanços e evidências de muitas das questões que enfrentamos, desde o processo de redemocratização, também apontando para futuros possíveis e novas utopias. Aproveitamos a oportunidade para agradecer aos professores Daniel Pinha e Wagner Geminiano, que gentilmente aceitaram o desafio de coordenar este dossiê e levaram a tarefa adiante com toda dedicação e empenho que esse trabalho exige, acompanhando cuidadosamente cada etapa, além de nos brindar com a construção de uma bela apresentação, que poderá ser lida na sequência deste texto. Em um momento de tantas crises, encontrar alento nas parcerias do trabalho coletivo, tão necessário para a construção de bons periódicos científicos, nos anima e nos enche de esperança. Também nos orgulhamos de apresentar aos nossos leitores uma edição que reflete a diversidade de nosso país com autores das cinco regiões geográficas, com diferentes vinculações institucionais, também contemplando a equilibrada proporção entre homens e mulheres.

Além dos artigos que compõem o dossiê temático, os leitores também irão encontrar neste número outros artigos que nos convidam a refletir sobre vários outros temas de modo correlato à proposta do dossiê. Em *Gênero no (do) Referencial Curricular Amapaense para o Ensino Infantil e o Ensino Fundamental*, os autores Antônio Carlos Sardinha, David Junior de Souza Silva, Marcos Vinicius de Freitas Reis problematizam as estratégias e lógicas de legitimação e inserção das questões de gênero no currículo de ensino básico, a partir da análise do documento do Referencial Curricular Amapaense para o Ensino Infantil e o Ensino Fundamental (RCA); em *O lugar do ensino de História nas licenciaturas em História no Brasil: saberes, reflexões e desafios*, Erinaldo Cavalcanti analisa quais saberes são mobilizados nas disciplinas obrigatórias voltadas especificamente ao Ensino de História, em 27 Projetos Políticos Pedagógicos (PPPs) de cursos de História em diferentes regiões do país; no texto *História Locais, Memórias e Identificações: Trabalhadores no Ensino Escolar de História*, de Jean Carlos Moreno, Adilson Carlos Lima e Mariane de Melo Bueno, temos uma análise que, sob a perspectiva dos estudos sobre ensino de História Local e da

História do Trabalho, aborda elementos dos processos que estruturaram uma narrativa mistificada e seletiva acerca dos trabalhadores pobres dos municípios de Figueira/PR e Tejuapá/SP, enfrentando prescrições curriculares rígidas na construção de espaços de ressignificação da aprendizagem escolar de História. Também como parte da seção de artigos temos o texto: *Ensino de História e História Pública: refletindo sobre experiências passadas e contemporâneas nos cursos de História da Universidade Federal do Paraná*, em que Clóvis Gruner, Joseli Nunes Mendonça apresentam diversas reflexões sobre o tema, provocados pelo artigo *O entrelaçamento escola, universidade, cursos de História e públicos*, escrito por Bruno Flávio Lontra Fagundes e publicado na edição 20 da *Revista História Hoje*. Na ocasião, Fagundes analisou os cursos de História da Universidade Federal do Paraná, problematizando sua relação com o ensino e com públicos ampliados, nos anos 1970 e na contemporaneidade. Ao abrir espaço para o texto de Gruner e Mendonça, nosso objetivo foi estimular o debate intelectual que emergiu a partir desses artigos, também possibilitando espaços equânimes de expressão de ideias, pontos de vista e perspectivas diversas e plurais, tão importantes em tempos de negacionismo histórico, *fake news* e ódio às diferenças. Nossa aposta é que essa possa ser a tônica dos debates que comparecem nas páginas da revista, esperando, tal como os autores, que “seja uma oportunidade de crescermos juntos, fortalecendo conjuntamente as universidades públicas que se encontram em situação de extrema ameaça”.

Na seção E-storia, temos o artigo *Por que um canal do Youtube mentiria? A relação entre os estudantes do Ensino Médio e os conteúdos históricos divulgados no Youtube*, em que Osvaldo Rodrigues Junior apresenta resultados de investigação empírica com estudantes do Ensino Médio que, por meio da análise de conteúdo produzido em questionário do *Google Forms*, visou conhecer os usos da internet de jovens em contexto de fragmentação da autoridade sobre o conhecimento no universo digital.

Na seção História Hoje na sala de aula, temos os seguintes artigos: *O papel da literatura no Ensino de História: experimentação de tempos em Morte e Vida Severina*, no qual as autoras Cláudia Cristina da Silva Fontineles e Nathiely de Araújo Silva analisam como a obra *Morte e Vida Severina* pode ser trabalhada como mediadora de uma aprendizagem reflexiva, crítica e sensível, assim como fonte e/ou experimentação do tempo histórico. Experiências desenvolvidas no âmbito do Pibid foram objeto de análise em dois outros textos: em *A Perspectiva Decolonial dos Saberes e Práticas Escolares: a experiência do Pibid no subpro-*

*jeto/História da UENP (Jacarezinho-PR)*, Geane Kantovitz, Gabriely Cristine de Souza e Andressa Ferreira apresentam uma experiência didática que, sob perspectiva decolonial, possibilitou abordar o povo negro como agente histórico e ativo, conferindo-lhe protagonismo no âmbito da aprendizagem histórica. Já em *O Pibid de História/UFRN e o enfrentamento ao racismo na sala de aula: o movimento negro como ator social na Educação*, Daniel Luiz Sousa de Lima e Antonio Matheus Bezerra Costa descrevem o processo de elaboração e aplicação de um material didático e uma dinâmica nomeada de “Jogo da desigualdade racial”, com conteúdo relativo à reação e mobilização da população negra brasileira perante o racismo estrutural. No texto *O ensino de história ambiental na educação básica: uma Aula-Oficina sobre a “pré-história”*, de Evandro Cardoso do Nascimento, são apresentados resultados de uma investigação sobre o ensino de história ambiental na educação básica, desenvolvida a partir de aulas-oficinas com uso de pinturas rupestres como fontes para a reconstrução dos ambientes naturais do passado e discussão sobre as mudanças climáticas.

Na seção *Falando de História Hoje*, dois artigos trazem interpelações importantes para o campo da História, ampliando debates sobre a formação na área. Em *História Intelectual de Mulheres Negras: um novo “território existencial” historiográfico*, Giovana Xavier da Conceição dialoga sobre a importância que o conhecimento das “narrativas na primeira pessoa”, produzidas na sala de aula do curso Intelectuais Negras UFRJ por jovens negras, “primeiras da família a entrar na universidade”, representam para a formação de novas gerações de historiadoras e para o estudo e produção de novas fontes documentais de uma história do pós-abolição no tempo presente. No texto *Exu faz presença na sala de aula: reflexões sobre as práticas religiosas afro-brasileiras no Ensino de História*, Carlos André Silva de Moura, Mário Ribeiro dos Santos e Sandra Simone Moraes de Araújo refletem sobre debates acerca de religiões afro-brasileiras no âmbito da formação de discentes da Licenciatura em História da Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte, indicando que abordagens do tema limitadas a concepções eurocêntricas e generalistas implicam na mobilização de abordagens plurais por meio de problematização dos materiais didáticos e da valorização das alteridades.

Por fim, apresentamos a entrevista *O ensino de História e as utopias: memórias dos Colégios Vocacionais e de uma professora da primeira geração do “campo” do ensino de História*, produzida por Tiago Alinor Hoissa Benfica, especialmente para este número da revista. Nessa conversa, o leitor poderá conhecer um pouco

mais da trajetória de Joana Neves, uma importante historiadora que muito se dedicou ao Ensino de História em sua época, tanto na escrita de livros didáticos, como na formação de professores, também participando da elaboração, na década de 1970, do Guia Curricular do Estado de São Paulo, conhecido como “Verdão”. A sua biografia profissional perpassa a maior parte da segunda metade do século XX e, como afirma Benfica, “mesmo não tendo o perfil do atual *homo academicus*, a posição institucional e o capital social da mesma eram privilegiados no espaço universitário brasileiro”, contribuindo com muitos escritos sobre ensino de História e história regional, assim como na formação de muitos professores, além de ter tido uma destacada atuação na ANPUH.

Esperamos que a leitura dos textos inspire reflexões, reações e inquietações e nos coloque em movimento nessas trilhas movediças que temos percorrido nos últimos tempos, mas que também têm nos provocado a construir novos caminhos e a produzir fissuras, rupturas e novos jeitos de ser e estar no mundo. Que não nos falte energia para seguir refletindo sobre esses tempos de crise e que a reinvenção a que fomos instados a construir nos alimente para caminhos alternativos. E, tal como acreditam Daniel Pinha e Wagner Geminiano, que as reflexões apresentadas nesse número sejam “um convite a produzir sentidos e significados outros, a permitir um colorido de interpretações, de leituras dos tempos de crise, que contraste e coloque em perspectiva histórica o cinza crepuscular que parece ter recaído sobre nosso tempo e nossos corpos, em especial em nosso país”.

*Mônica Martins da Silva*